





Enquanto memórias morrem

Felipe Pedrini
Jorge Santos
Letícia Bueno Orcy



Enquanto memórias morrem

PERSONAGENS

ELIAS

JAIR

MULHER

Jair aparece segurando uma caixa de música nas mãos. Perto dele, há duas caixas de papelão, dessas usadas em mudanças: uma está vazia, a outra está cheia de objetos. Mulher surge ao lado de Jair, pega a caixa de música e a deposita na caixa de papelão vazia. Ela retira um jornal de dentro da caixa cheia e o entrega a Jair. Ele agradece. Mulher some.

Jair começa a andar e para. Volta-se. A luz o cega e ele está em um buraco rodeado pela escuridão. Ele dá pequenos passos para frente, tentando enxergar. Tateia a densa escuridão, cada vez mais desesperado. Dá mais um passo para frente e depois outro, e outro e de repente, tudo fica negro. Em um susto, vira o pé e some em um abismo profundo.

Um telefone toca. Elias entra, assustado. Soluça. Ele inspira profundamente e trava o ar dentro de si, mas não adianta, soluça. Tira um papel do bolso, todo amassado. O telefone continua tocando. Ele olha o papel. Soluça, trava a respiração. Soluça. Não passa! Som de sirene de um edifício-garagem. Despertador. Elias agita-se. Na caixa de papelão cheia, ele encontra um casaco, o sacode com força e o veste. Novamente, respira fundo e trava a respiração.

HOSPITAL

Jair está deitado na cama, dormindo. Mulher está ao seu lado massageando-o. Elias está sentado em uma poltrona.

MULHER

Eu queria que fosse mais fácil, menos... Como é mesmo a palavra? Penoso... Pesado... Queria que fosse menos pesado. Mais normal. Normal, não! "Normal" é uma palavra horrível. Desnecessária. Cruel. Queria é que as lembranças fossem concretas, não espaços tortos. É isso. As lembranças são ficção, criação, preenchimento!

Como é mesmo que as pessoas falam? "Parece um anjo dormindo". Ou ainda "A Morte disfarçada de sono". Eu queria poder cuidar de você. Acho que até você



Enquanto memórias morrem

preferiria que eu cuidasse de você. Mas, infelizmente, não dá. Há sangue demais entre a gente. Sangue demais. Talvez, se tivesse menos sangue entre a gente. Ou se não tivesse sangue nenhum. Talvez fosse tudo menos pesado, ou mais... normal. Normal, não! "Normal é uma palavra horrível. Desnecessária. Cruel.

Mulher some.

JAIR

Exagero te chamarem. Não foi nada! Um susto.

Elias pega o prontuário de Jair e tenta descobrir algo.

ELIAS

Que horas o médico disse que viria?

JAIR

Como te acharam?

ELIAS

Hoje em dia, não é muito difícil encontrar as pessoas. Quando se quer encontrá-las, óbvio...

JAIR

Eu não sei por que te chamaram. Pode ir embora.

ELIAS

Que horas o médico disse que viria? Não tenho muito tempo.

JAIR

Você sempre teve mais o que fazer, né?

ELIAS

Eu só queria entender porque me chamaram.

JAIR

Não mudou nada, egoísta como sempre.

ELIAS

É. Eu preferia que fosse um velório. Mas eu tenho que lidar com o que é.

JAIR

Eu sei me cuidar sozinho.

ELIAS

Lógico! Por isso que a gente está aqui.

JAIR

A sua maldita ironia. Você me dá... Você já pode ir. Não preciso de você aqui.

ELIAS

Ah, que bom! Que maravilha! Então eu já posso pegar as minhas coisas, sair por esta porta e nunca mais olhar a sua cara! Graças a Deus! Só que não posso! Se pudesse, nem teria vindo.

JAIR

Pode ir.

Elias e Jair dão-se as costas.

Elias tira um livro de dentro da caixa de papelão cheia, limpa-o e o coloca na caixa vazia.



Enquanto memórias morrem

ELIAS

De costas, deixo de te ver. Saio dos teus olhos e entro nos meus. Finalmente, crio meu próprio olhar. Crio um mundo onde você não está. E não faz falta. Mas nunca consegui te arrancar dos pensamentos, dos sonhos, de dentro. E acho que eu também estive o tempo todo aí dentro, não?

Elias sai.

Jair tenta levantar-se da cama, cambaleando.

Elias entra.

JAIR

Você não tem que vir aqui todo dia.

ELIAS

O que o senhor quer?

JAIR

Água. Eu posso pegar.

ELIAS

Acabei de falar com o médico. Você recebeu alta e temos que desocupar o quarto. Bebe logo, que a gente tem que ir.

JAIR

Se a doença é tão grave, porque eu não posso ficar internado?

ELIAS

Por causa dos cuidados de que necessita. A doença é grave pela degeneração... (A palavra "degeneração" incomoda Elias)
É uma doença de convivência, ficar no hospital não vai te ajudar.

JAIR

Mas uma enfermeira, sim.

ELIAS

Mas uma enfermeira, a gente é quem paga, em casa.

JAIR

Eu não me sinto doente. Não assim, nesse ponto de não poder mais cuidar de mim. Isso é ridículo. Eu sou muito forte!

ELIAS

Um cuidador é caro. Clínica também.

JAIR

Clínica? De repouso? Era o que me faltava.

ELIAS

O senhor não tem esse poder de escolha.

JAIR

Mas o que é isso? Você enlouqueceu? Então, agora, eu fui julgado e condenado? São estranhos que vão me dizer como vai ser minha vida a partir de agora?

ELIAS

Ah, pois é! Muito ruim isso, né?

JAIR

Eu não estou doente. Decidiram isso.

ELIAS

Esse acidente aí, por causa do esquecimento. Por isso não dá para...



Enquanto memórias morrem

JAIR

É humano esquecer. O que é desumano é ter que encarar uma aberração.
Eu vou para minha... minha...

ELIAS

Casa! Eu sei, já entendi, mas só que não dá. É para minha casa que nós vamos.

Na casa de Elias.

MULHER

Você sempre se esforça por determinar o seu caminho.

ELIAS

Sei que nem sempre posso.

MULHER

Muita insegurança no caminho. Você vai tentando ser, desviando das culpas. Não das suas. Mas das culpas dos outros. Os outros.

Mulher some.

Elias vai até as caixas e pega um par de tênis, passa o pano neles. Jair senta na cama. Elias tenta colocar os tênis em Jair, que desvia seu pé.

ELIAS

Colabora, pelo amor de Deus!

JAIR

Eu não quero caminhar!

ELIAS

São prescrições médicas. Já está difícil arrumar um tempo para tudo. Ajuda!

JAIR

Eu estou com fome. E cansado.

ELIAS

A gente acabou de tomar café da manhã.

JAIR

Eu não preciso de ajuda para amarrar o “cardaço”.

ELIAS (*não contém o riso*)

É ca-dar-ço.

JAIR (*dá de ombros*)

Ah! Eu tenho Alzheimer. Eu não gosto das ruas daqui!

Uma sirenê começa a tocar, vinda de fora, da rua.

Jair assusta-se.

JAIR

Ai, meu Deus do céu! Está vendo? Eu não quero morar aqui!

ELIAS

Está bem. Agora vamos. Levanta.

JAIR

Minha casa é muito melhor.

A sirenê para de tocar.

JAIR

É o que isso? Bombeiro?



Enquanto memórias morrem

ELIAS

De novo? Já te expliquei o que é.

JAIR

Ambulância?

ELIAS

Não!

JAIR

Polícia?

ELIAS

Não!

JAIR

Podia ser polícia.

ELIAS

Tá. Vamos!

JAIR

Eu ia gostar mais se fosse polícia. Nos protege.

ELIAS

Eu estou vendo o que o senhor está fazendo! Está tentando me distrair. Por favor, colabora... Vamos que o senhor precisa tomar ar puro.

JAIR

Ar puro?! No centro da cidade?! Às dez da manhã? De segunda-feira?

ELIAS

Hoje é sábado.

JAIR

Não é não. Hoje é segunda-feira, eu tenho certeza, eu vi. Hoje é sábado?

ELIAS

Brincadeira. É segunda.

Jair volta para a cama.

ELIAS

Para que o senhor precisa saber que dia é hoje? Olha o tênis na cama!

Jair tenta cobrir-se e Elias o impede. Jair debate-se, derrubando a mesinha dos remédios, ao lado da cama. Elias abaixa-se para catar os remédios. O celular toca. É um alarme que indica "hora de remédio".

JAIR

Está vendo? Se a gente tivesse saído, ia perder a hora de tomar o remédio.

Elias olha na lista, acha o remédio da vez e dá para Jair, com um copo d'água.

ELIAS

É. Nada é por acaso.

JAIR

Eu vou ficar na minha cama, até você me levar de volta para minha casa.

Elias faz menção de falar.



JAIR

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa. Salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. (*Elias sai irritado*). A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas...

(Pausa)

Um dia, eu estava voltando do mercado com minhas compras. Vi você passar com seus colegas... de escola, eu acho. Vocês riam, brincavam... Eu fiquei parado, do outro lado da calçada, vendo vocês passarem. Acho que você não me viu. Risos e brincadeiras... Aqueles... "garotos". Aqueles moleques! Eu quase não te reconheci. Fiquei observando você passar. Saltitante... Eu senti... O que eu senti... Você não era mais... Eu percebi que você não era mais a minha criança. Você era uma pessoa completamente, absolutamente estranha! Nada do que eu conheci. Nada do que eu criei. Por que você não permaneceu do jeito que era antes? Não teria sido mais fácil? Ou... menos difícil?

A sirene volta a tocar, em um nível crescente e o som começa a se distorcer. Elias entra e é perturbado pela sirene ensurdecadora, contorce-se. Silêncio.

Jair tenta pegar um copo com suco. Deixa cair o copo, que se quebra. Elias assusta-se e corre para limpar.

ELIAS

Tudo bem! Tudo bem! É só um copo. É só um copo. Não tem problema. É bobagem.

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Normal...

JAIR

Que é bobagem. Não precisa ficar nervoso.

ELIAS

Não tem ninguém nervoso aqui. O senhor está nervoso?

JAIR

Me passa o suco?

ELIAS

Acabou. O senhor derrubou o último copo. Vou ter que fazer mais.

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Eu não quero ter filhos!

JAIR

Mas você pode ter filhos.

ELIAS

Está bem, Seu Jair. O senhor quer mais suco?

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Temos de laranja, limonada, limonada suíça, abacaxi, abacaxi com hortelã, maracujá, melão e manga.



Enquanto memórias morrem

JAIR

Mas você pode ter filhos.

ELIAS

Morango não tem. Está fora de época. Difícil encontrar morango fora de época.

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Eu não quero filhos.

JAIR

Eu fui um bom pai.

ELIAS

Vou trazer outro de laranja mesmo.

JAIR

Eu fui um bom pai.

Mulher surge.

MULHER

Tem uma coisa que eu já te falei, mas você deve ter "esquecido"... Você nunca foi um pai para mim. Ou melhor, foi até determinada época, mas depois deixou de ser. Quando mais precisei de um pai, você não foi! Quando precisei de compreensão, você só me deu violência!

ELIAS

Você nunca foi um pai para mim.

JAIR

Você é um ingrato! Agora vai querer negar que fui um bom pai.

MULHER

Um bom pai não renega um filho!

JAIR

Você me envergonhava... Você me dava... Você virou um... Você... Ah... Nem sei mais!

ELIAS

O quê? Nojo? Eu te dava nojo? Eu virei o quê? Uma aberração? Um degenerado?

MULHER

Era essa palavra que você usava com a mamãe no quarto de vocês, não era? Você pensava que eu não podia escutar, mas eu ouvia as conversas de vocês.

ELIAS

Não! Era “degeneração”! Óbvio, não poderia ser “degenerado”... Degeneração! Pois o degenerado agora é quem cuida de você, o degenerado é quem vai limpar a sua baba e a sua merda!

Sirene ensurdecedora. Mulher some. Elias se contorce.

Silêncio.

ELIAS

No ano passado, eu fui à casa de um amigo, no seu bairro... Eu te vi, saindo da banca de jornal... Eu levei um susto. Como o senhor envelheceu. Caminhando já meio encurvado. Velho... Tão velho que quase não te reconheci. O mesmo hábito de ir todo dia até a banca comprar o jornal. Tomei cuidado para que o senhor não me visse, até me escondi atrás de um carro...



Por que eu não podia ser mais o seu filho? Por que eu não poderia ser quem eu finalmente tinha descoberto ser? O senhor era a pessoa a quem eu mais amava no mundo, e para quem eu mais mentia... Por que eu não poderia ser simplesmente eu? O senhor veio passando... Um estranho para mim. Eu não senti nada. Nada. Ou melhor, meu coração acelerou e eu não sabia direito o que eu sentia. Não era saudade, nem amor. Mas também não era raiva, ódio... Nada disso. Era um estranho que passava. Um estranho-conhecido.

Sirene tocando normal. Elias traz um copo de suco e o põe sobre a mesa, perto de Jair. Sirene para. Elias traz um jornal e o põe ao lado de onde Jair está sentado.

ELIAS

Seu jornal.

Jair olha desinteressado para o jornal e não o pega. Elias senta-se e começa a escrever algo no seu laptop. O interfone do apartamento toca e Elias atende.

ELIAS

Alô?... Oi, tudo bem?... Hmm... Não... Olha só... Agora não dá. Por que você não me avisou que estava vindo?... Não! É que estou meio ocupado agora, desculpa. Eu posso te ligar depois?... Está! Está tudo certo. Mas é que a casa está uma bagunça, eu estou meio indisposto e não é uma boa hora para receber visita... Não! Não tem ninguém aqui, não. Quê isso?... Na boa, não tem... Olha só, não tem porque eu mentir para você... A gente ainda está se conhecendo. Mesmo que eu estivesse com alguém aqui, isso não estaria errado, não é? Não tem nada de mais. Eu até poderia... Não! Eu só estou dando uma hipótese de que... Não tem ninguém aqui, já falei! Você não entendeu... Não precisa falar assim comigo. Eu estou conversando numa boa... Escuta, eu posso te ligar depois, daí a gente conversa direito? Hein? Alô? Ah!

Elias permanece parado, olhando Jair de longe.

Depois, volta a se mexer. Tenta retomar a escrita no laptop, mas logo se agita e se levanta de novo. Irritado e contrariado.

ELIAS

O senhor não vai tomar o seu suco?

Jair permanece olhando o jornal. Elias aproxima-se de Jair, nervoso, toma todo o suco de uma só vez e sai.

A sirene começa a tocar. Aos poucos, o som vai diminuindo e distorcendo-se, transformando-se na melodia de uma caixa de música. Jair detém-se, pensativo. Surge uma caixa de música antiga, com uma bailarina que gira.

JAIR

Eliane! Eliane, minha filhinha! Minha princesa! Minha garotinha! Que saudades de você, minha filha! Há quanto tempo que não te coloco no meu colo, não penteio seus cabelos... Papai vai fazer a sua festa de aniversário... Papai vai montar o balanço para os seus coleguinhas brincarem. A sua mãe vai terminar de fazer aquele vestido... Você vai ficar linda, minha princesa. Por que eu não te vejo direito, minha filhinha? Por que você vai sumindo da minha memória? Você... Você morreu há tanto tempo e eu não... Eu não sei mais o que eu vou fazer com o balanço... Eu já me esqueci de como seus cabelos eram macios... A cor exata dos seus olhos... Eu não quero me esquecer de você, minha filha, meu bem mais precioso... Papai te ama muito... Você vai ficar tão feliz com o balanço... Eu vou pintar ele do jeito que você desenhou... Eu só preciso achar as cores... Mas por que a sua cor foge de mim? Eu não queria que você morresse! Nunca! Eu queria que seus cabelos fossem infinitos, para que eu os penteasse e fizesse uma trança infinita nos seus cabelos, para que você nunca crescesse, nunca morresse... Mas eu... Eu não posso, minha filha. A única coisa que eu posso fazer é montar o balanço e... E fazer a sua festa. É isso que eu posso fazer. A sua mãe está tão atarefada,



arrumando tudo. Os doces... Os brinquedos... Você não deveria nunca esconder a cor dos seus olhos de mim... Nunca. Um pai nunca deveria esquecer a cor dos olhos de sua filha, de sua princesa...

A melodia da caixa de música vai dando lugar à sirene, que volta a soar.

Silêncio.

O telefone de Elias toca. Ele apressa-se para atender.

ELIAS

Oi... É, não deu, eu estou com um problema familiar... Não tenho. Quero dizer, é... tenho, ainda... Não, ninguém morreu. Mas, por favor, fala. Como foi?

JAIR (*olhando o jornal*)

Eu não entendo mais estes... Estas...

ELIAS

Cinco por cento? Que filhos da... Cinco por cento não cobre nem o dissídio!

JAIR

Criança ocupando escola... Desde quando criança... Ah! Que bobagem!

ELIAS

Então, é isso. Continuamos na luta.

Começa a tocar o despertador "hora de remédio" no celular de Elias. Ele desliga o despertador com dificuldade de ainda manter a ligação. Vai até a caixa de remédios e vê que ela está vazia.

ELIAS

O despertador. Olha, vou tentar, mas, sinceramente, não sei se posso ir... Pois é, está difícil... Não, eu não posso falar, agora... Tá, pode deixar. Valeu!

Elias desliga o telefone.

JAIR

Criança ocupando escola! Criança tem que ir para escola ter aula. E pronto.

ELIAS

As crianças não estão tendo aula.

JAIR

Como não?

ELIAS

É ocupação, posse, tomada do lugar, entende? Justamente, porque não estão tendo aula.

JAIR

Como assim? Alguém tem que ir lá dar... Essas crianças!

Elias pega o telefone para ligar para a farmácia.

ELIAS

Está bem, Seu Jair. Olha, seu remédio acabou. E estamos sem dinheiro.

JAIR

Por que você não vai trabalhar? Eu posso me cuidar. Você me trata como se eu já...

ELIAS

Não é por isso que estou sem dinheiro. É greve! Estamos em greve! Há muito tempo! Sabe há quanto tempo eu não recebo um pagamento do Estado? Os



salários estão atrasados. Como os professores vão para escola dar aula, se não conseguem se sustentar, pagar o aluguel?

JAIR

Que aluguel?

ELIAS

Ah... Deixa para lá. Eu vou dar um jeito. Mas a gente tem que comprar o seu remédio. E eu já sei que o meu cartão não vai passar.

JAIR

Eu tenho casa. Não preciso do seu aluguel.

ELIAS

Eu também tenho casa. Estou nela.

JAIR

Se você tivesse filhos, saberia a única coisa que um pai quer. O que um pai quer é deixar uma casa para os filhos. Quando se tem filhos, óbvio! Uma casa própria. Um porto seguro. Um lugar para onde suas crianças possam correr quando o mundo estiver sendo muito ruim com elas. Não uma casa alugada! Você tem casa alugada porque não tem filhos...

ELIAS

As crianças não correm mais, Seu Jair. As crianças ocupam escolas. Lutam! Elas não precisam mais se calar. Nem se esconder.

JAIR

Mas eu também não tenho filhos, certo? Não tenho mais... Então, também não preciso ter casa própria. Poderia ter uma alugada, como você.

A sirene toca. Jair assusta-se e começa a passar mal.

JAIR

Meu Deus! O que é isso? O que é isso?

ELIAS

É o edifício-garagem aqui do lado! Já falei! Toda vez vai ser isso, agora?

O despertador “hora de remédio” toca de novo, junto com a sirene, que continua. Elias desliga o alarme e larga o telefone. Elias esmaga a caixa de remédio vazia, com raiva.

Elias e Mulher estão embrulhando alguns objetos, com jornais antigos, e colocando-os nas caixas de papelão.

ELIAS

Eu não preciso me livrar de tudo.

MULHER

De tudo não, mas da maioria, sim. Já viu a casa do velho? Não tem mais espaço para nada lá... Tudo amontoado.

ELIAS

Isso é um pesadelo... Eu ainda não acredito que... Bom, mas... Devagar eu vou limpando aquilo lá, abrindo espaço livre para mim... Para as minhas coisas.

MULHER

Voltar para aquela casa depois de tantos anos...

ELIAS

O que você faria?



Enquanto memórias morrem

MULHER

Como assim?

ELIAS

Você, no meu lugar, o que você faria? Você voltaria para casa do seu... Do seu pai? Você aceitaria isso? Você acha que fui um fraco? Que "desisti" cedo demais?

MULHER

Não, você não foi fraco... Se não dá mais, então, não dá mais. Não tem o que se fazer. Tudo isso... Foi uma... Sei lá... Uma fatalidade...

ELIAS (*Tentando desconversar*)

Olha isso aqui! Será que eu levo isso?

MULHER

Não, leva só o imprescindível para a casa do velho.

ELIAS

Mas será que essa mudança vai ser definitiva?

MULHER

Olha... Leva o menos possível das suas coisas para lá. Livre-se do que puder e o que você quiser guardar, peça para deixar na casa de um amigo... Sei lá! Mas não leve as suas coisas para se impregnarem com o ar, com a atmosfera de lá... É capaz de tudo apodrecer, perder a cor, a vida... Não vai ser fácil. Não é fácil para ele aceitar isso... Aceitar você assim...

ELIAS

Eu sou "assim"! "Assim" é como o filho dele é!

MULHER

Será que o balanço ainda está lá?

ELIAS

Que balanço?

MULHER

Nada...

Mulher some.

Jair entra. Vê Elias embrulhando algumas coisas com jornal.

JAIR

Meu jornal! Meu jornal!

ELIAS

Calma!

JAIR

Meu jornal!

ELIAS

É só jornal velho! Eu preciso para a mudança!

JAIR

Eu vou à banca comprar meu jornal.

Elias pega outro jornal, que estava separado em um canto. Coloca-o perto de Jair.

ELIAS

Calma! Eu já comprei o seu jornal. Você não pode ir à banca.



Enquanto memórias morrem

JAIR

Me sinto como se estivesse preso aqui.

ELIAS

Minha cabeça está explodindo. São muitas coisas.

JAIR

A sua tal liberdade.

ELIAS

Eu sou feliz aqui. Pelo menos, fui.

JAIR

Não me tire o direito de morrer na minha própria casa.

Jair sai.

Sirene volta a tocar. Distorção. Ensordecedor. Elias em desespero. Pega alguns objetos embrulhados com jornal e os atira longe, com raiva. O barulho cessa. Elias vê um buraco em sua frente, rodeado pela escuridão. Elias prostrado e vencido. É engolido pelo buraco.

Na casa de Jair.

Melodia da caixinha de música. Mulher está ajeitando um vaso de flores.

JAIR

Eu só queria voltar para cá. Eu nunca deveria ter saído da minha casa. Eles não têm o direito...

MULHER

Isso aqui vai ficar tão lindo!

JAIR

Eu estou doente. Vou ficar cada vez mais doente.

MULHER

Só as cores que não são as ideais.

JAIR

Isto aqui, sim, é uma casa. Um lar, um porto seguro.

MULHER

Você está bem?

JAIR

Eu tenho saudades.

MULHER

Como está se sentindo?

JAIR

A minha filha daria uma boa mãe, uma boa esposa.

MULHER

Esta sua casa. Tão antiga, mas quase não reconheço. Está muito empilhada de coisas.

JAIR

Ela me faria feliz. Eu fui um bom pai para ela.

MULHER

Objetos demais.



Enquanto memórias morrem

JAIR

Agora eu vou ficar sem nada dentro... Um velho. Sozinho, sem ninguém. Nesta casa antiga...

MULHER

Memórias demais, sangue demais...

JAIR

Ele, não. Ele me dá nojo.

MULHER

Agora você está bem.

JAIR

Nunca foi e nunca será.

MULHER

Mas você está doente. Muito doente.

JAIR

Doente...

MULHER

Logo, não vai mais me reconhecer. Nem a mim, nem a ele...

JAIR

Ele...

MULHER

Por que você não gosta dele?

JAIR

Ele...

MULHER

Algumas coisas são o que são.

JAIR

Eles não têm o direito.

MULHER

Sempre foram e sempre serão.

JAIR

Condenado à velhice e à doença.

MULHER

Eu, por exemplo, não sou. Pelo menos, não mais.

JAIR

Isso aí vai ficar bonito.

MULHER

As cores é que não estão boas...

JAIR

Um pai sempre tem razão.

MULHER

Um pai nunca deveria abandonar um filho. Não importa como ele seja, o que ele faça.



Enquanto memórias morrem

JAIR

Um pai sempre é um pai.

MULHER

Um pai sempre é um pai. Um filho sempre é um filho. Sempre foram e sempre serão.

JAIR

Eu só queria voltar para a minha casa.

MULHER

A casa está amontoada demais. Velha demais, lembranças demais.

JAIR

Um pai sempre é um pai.

MULHER

Sangue demais.

Elias sozinho.

Anda pela casa. Parece um animal assustado. Observa tudo cuidadosamente.

ELIAS

Um sonho... Muitos sonhos... A realidade é sempre uma ficção... Não! Os sonhos são sempre uma ficção... Ou são as memórias que são uma ficção?... A gente vai... A gente vai construindo. Reconstruindo! Recriando o que viveu, do que se lembra... Vai juntando os pedacinhos. Preenchendo o que não aparece, o que falha na memória. Ou aquilo que é muito dolorido para se lembrar... A gente vai preenchendo... A mesma casa. Sempre a mesma casa. Eu nunca sonho com outro lugar tanto quanto com a casa da minha infância... Sempre a mesma casa! Ou será

que era outra? Que era... Diferente? Será que eu consigo me lembrar de tudo? Ou terei que reconstruir paredes e janelas? Reconstruir sonhos e pesadelos! Histórias e sangue! Muito sangue... Há sempre sangue demais levantando estas paredes e janelas. É sempre a mesma casa que aparece nos meus sonhos.

Elias está adormecido sobre uma poltrona.

É acordado com gritos de Jair, que procura alguém pela casa. Jair vai de um lado para outro e parece não notar a presença de Elias.

JAIR

Eliane! Eliane! Onde você está?

ELIAS

Eliane?

Elias levanta-se, vai para um canto e observa de longe Jair.

JAIR

Eliane! Onde essa menina foi parar? Ela estava brincando aqui agora há pouco... Eu tenho que achar a Eliane. Essa menina não pode... Ela... Ela estava brincando aqui agorinha... Ela estava aqui. Acho que ela foi para o quintal... Eliane! Ela está no quintal. Eu sei que está. Vai ficar brincando no escuro?

Jair para e permanece estático. Volta a andar, mais calmo. Senta na poltrona. Pega o jornal e tenta lê-lo. Elias aproxima-se de Jair.

ELIAS

Seu Jair.

Jair não responde. Permanece lendo o jornal.



Enquanto memórias morrem

ELIAS

O que senhor estava fazendo há pouco?

JAIR

Aqui...

ELIAS

Não. Não perguntei onde o senhor estava. Perguntei o que o senhor estava fazendo.

JAIR

Aqui!

ELIAS

Mas fazendo o quê? O que o senhor estava fazendo?

JAIR

Ah... O jornal. Estava... com o jornal.

ELIAS

Mas esse é o jornal de ontem. O senhor já leu. Toma aqui o jornal de hoje.

JAIR

Ah...

Toca o despertador "hora de remédio". Elias leva o remédio e um copo d'água para Jair, que toma e depois volta a olhar o jornal.

ELIAS

O senhor... Ainda pensa na... O senhor... É... O senhor se lembra da Eliane? Ainda pensa nela?

Jair permanece em silêncio.

ELIAS

O senhor se lembra de como a Eliane era?

Jair irrita-se. Larga o jornal e começa a se agitar.

ELIAS

O senhor se lembra de...

JAIR

Não! Ela morreu...

ELIAS

Sim, mas o senhor ainda pensa nela?

Jair levanta-se. Olha Elias com raiva e sai. Elias permanece em silêncio, pensativo. Depois, vai até seu computador. Escreve coisas, lê, parece pesquisar algo.

ELIAS

Passado...

Memórias...

Fixação...

Ausência do presente...

Vivendo no passado...

Lembranças...

Anormal...

Inadequado...

Passado...



Enquanto memórias morrem

A sirene volta a tocar, mas como um som antigo e distorcido, de rádio ou de uma vitrola.

ELIAS

Como se...

Lembraça de pessoas do passado...

Como se...

Fixação...

Não realidade no presente...

Passado...

Lembranças...

Pessoas...

Como se...

Não vive o presente...

Ausência...

Lembraça de pessoas do passado...

Pessoas...

Pessoas...

Pessoas...

O barulho cessa. Elias sai e volta com um monte de roupas.

ELIAS

Vamos dobrar essas roupas?

JAIR

Não quero.

ELIAS

É um exercício de atenção e coordenação.

JAIR

É coisa de mulherzinha.

ELIAS

Não. É um trabalho como outro qualquer.

JAIR

Eliane sempre largava as roupas pelo caminho. Eu brigava com ela.

ELIAS

Agora é o senhor que não deixa nada no lugar.

JAIR

Mas bastava ela sorrir para eu me acalmar. Era uma menina esperta, agitada. Minha princesa. Quando eu estava em casa, ela... Eu gostava de brincar com ela.

ELIAS

Não. Olha o que o senhor fez! Está embolando tudo! Tem que separar!

JAIR

Ah, tá bom assim!

ELIAS

O senhor pode fazer melhor. Assim... Devagar.

JAIR

De-va-gar.

ELIAS

Isso. Muito bem!



Enquanto memórias morrem

JAIR

Sinto saudades.

ELIAS

Esse tempo passou. Eliane morreu.

JAIR

Menina! Eu não te disse que você não podia ir! Você só faz o que quer!

Elias embarca nas lembranças de Jair.

ELIAS

Ela só queria se divertir um pouco.

JAIR

Eu disse que ela não podia ir!

ELIAS

Ela não fez nada de errado. Foi a uma festa, com uma amiga.

JAIR

Não podia!

ELIAS

Mas ela se comportou e voltou cedo para casa.

JAIR

Não gosto dessas amizades dela.

ELIAS

São apenas adolescentes querendo se divertir...

JAIR

Eu sei o que falam por aí...

Mulher surge.

MULHER

Não importa o que falam. Eu tenho as minhas escolhas. Só me importo com elas.

JAIR

Você é apenas uma menina, não conhece a vida. Não sabe de nada.

ELIAS

Eu estou aprendendo.

JAIR

Moleca! Está me desafiando?

MULHER

Não, pai. Estamos conversando. O senhor não precisa se alterar.

JAIR

Enquanto você estiver nessa casa, tem que me obedecer.

ELIAS

Eu só fui me divertir um pouco. Encontrar uns amigos.

JAIR

Vou te ensinar a me respeitar!

ELIAS

Seu Jair? Calma. Seu Jair? É seu amigo que está aqui.



Enquanto memórias morrem

Jair estanca.

Como no início, Jair carrega a caixa de música, e a Mulher segura um jornal. Jair entrega a caixa de música para a Mulher. Mulher entrega o jornal a Jair.

JAIR

Hospital. Uma mãe leva seu bebê para tomar as primeiras vacinas.

MULHER

Escola. Uma criança decora seu cartão de dia dos pais.

ELIAS

Quarto, de noite. Um adolescente chora em sua cama até dormir.

JAIR

Um presente é embrulhado. Papai Noel. Coelhinho da Páscoa.

ELIAS

Uma surpresa no jardim.

MULHER

Um carinho.

JAIR

Um afeto.

ELIAS

O mesmo sangue.

MULHER

Sangue demais. Há sangue demais entre a gente.

ELIAS

Eu queria que não tivesse tanto sangue entre a gente... Seria mais fácil, ou menos... pesado...

JAIR

Eliane! Eliane!

MULHER

O que foi, pai?

JAIR

Onde você está, minha filha?

MULHER

Pai, se acalme. Eu não estou brincando no jardim. Não no escuro. Já voltei para casa.

JAIR

Eliane!

MULHER

Já voltei para casa, pai. Está tudo bem.

ELIAS

Ele só se lembra de você. De mim, não.

JAIR

Minha filha! Eliane!

ELIAS

Seu filho! Elias!



Enquanto memórias morrem

MULHER

Ele não vai te aceitar. Está tudo bem.

ELIAS

Algumas coisas são o que são. Sempre foram e sempre serão.

JAIR

Eu não tenho filho.

MULHER

Pai, não!

ELIAS

Eu não sou mais a sua menininha... Não mais. Agora eu sou um homem.

JAIR

Eu não tenho filho.

ELIAS

Um homem! Eu sou um homem! Homem!

MULHER

Ele nunca vai te aceitar. Está tudo bem. Tenha compaixão.

ELIAS

Eu não sou sua filha! Sou seu filho! Um filho! Um homem!

JAIR

Degeneração.

MULHER

Algumas coisas são o que são.

JAIR

Um homem nasce homem. Uma mulher nasce mulher.

MULHER

Algumas coisas são o que são.

JAIR

Não tem como mudar.

ELIAS

As coisas são o que são.

MULHER

Degeneração?

JAIR

Não há trocas.

MULHER

Então, eu sou uma... Um... Eu não sou mais uma mulher? Eu sou um homem?

JAIR

Um homem? Nunca! Sempre foi uma mulher. Sempre foi e sempre será!

MULHER

Eu não sou mais Eliane! É isso! Eu sou um homem! Eu sou Elias!



Enquanto memórias morrem

ELIAS

Eu não mudei. Eu sempre fui um homem. As coisas são o que são. O corpo não é nada. O sexo não é nada. O que importa é...

JAIR

Degeneração!

MULHER

Degeneração?

ELIAS

Não!

Melodia distorcida da caixinha de música.

Jair está em sua cama, suado. Mais debilitado, já não se parece com ele mesmo.

Há muita doçura em seu ser.

Elias entra igualmente suado e liga um ventilador em frente a Jair. Pega um pano molhado e o passa no pescoço e na testa de Jair.

ELIAS

Invadiram durante a madrugada. Arrancaram as crianças lá de dentro. Filmaram tudo. O povo está se acostumando a ver professor empurrando os escudos da tropa de choque. Apanhando. Os primeiros salários que eles cortam são os nossos. O professor e o escudo. Vou escrever uma crônica. Essa imagem explica uma nação.

JAIR

Acabou a guerra.

ELIAS

Guerra? Eu disse guerra? Não! Greve! Acabou a greve. Volto a trabalhar segunda.
O senhor sabe quem eu sou?

JAIR

Sei.

ELIAS

Quem?

JAIR

Pandolfo.

ELIAS

Seu amigo? Seu amigo Pandolfo? Aquele feioso?

Jair balança a cabeça consentindo. Ri.

ELIAS

O senhor está me zoando, né? Alzheimer, Alzheimer coisa nenhuma, está é me zoando!

JAIR

A Eliane chega hoje.

ELIAS

Ela chega, é? Hum. Dela o senhor se lembra. De mim, que estou aqui cuidando do senhor, o senhor não se lembra, não, né?



Enquanto memórias morrem

JAIR

Pandolfo.

Elias, com raiva, joga o pano longe.

ELIAS

Pandolfo! Elias! E-li-as! Seu filho! Seu único filho! Não sou o Pandolfo! Não sou aquele horroroso! Já até morreu! Você acha o quê? Que o Pandolfo ia ficar aqui, cuidando do senhor? O senhor é cruel! O senhor é muito cruel! Sempre foi e sempre será! Até morrer! Até morrer! Cruel! Cruel comigo! Cruel com quem te ama.

JAIR

Cruel. Cruel!

Jair dá um tapa em Elias, que congela em silêncio.

Elias vai buscar o pano, senta-se no chão e passa o pano na própria nuca.

ELIAS

Eu estou sendo cruel. Eu é que estou sendo cruel. Porque o senhor se lembra, sim, de mim. Se tem alguém que o senhor se lembra, é de mim! Se tem uma pessoa que ficou, firme, aí na sua memória, fui... (soluça) eu! Na sua memória, nem que seja apenas como Eliane. Que deixava o senhor bravo, porque ela gostava de andar sem blusa em casa. Mas nesse calor? Quem aguenta ficar de blusa nesse calor?

Elias tira a sua blusa e para em frente ao ventilador. Aparece a cicatriz da mastectomia. Sai.

JAIR

A Eliane chega hoje. A Eliane chega hoje. A Eliane chega hoje.

Jair permanece sentado, apenas endireita a coluna e grita.

JAIR

A Eliane chega hoje?

Elias entra.

ELIAS

Eita! Não morro tão cedo.

JAIR

Isso é hora de uma menina chegar em casa?

ELIAS

A viagem foi ótima. Que bom que o senhor perguntou, pai.

JAIR

Você não tem aula amanhã?

ELIAS

Tenho. Amanhã.

JAIR

E chega em casa a essa hora?

ELIAS

Ah, tá! Não estou na hora para aula de amanhã! Meu Deus do Céu!

JAIR

Você precisa estudar! Estudar! Senão, não vai sobreviver neste mundo.



Enquanto memórias morrem

ELIAS

O senhor quer ver meu boletim?

JAIR

Que boletim? Essas escolas são uma porcaria.

ELIAS

Então, qual o problema?

Mulher surge, vestindo roupas andrógenas e largas.

JAIR

Outra coisa: que roupas são essas? Isso são modos para uma menina se vestir?

ELIAS

Não! Não são modos para uma menina se vestir! São modos para "eu" me vestir.
São os "meus" modos!

JAIR

Menina!

Jair ameaça bater, mas se detém.

JAIR

Ah!

MULHER

Fala! Por que você não fala o que te incomoda?

ELIAS

Fala que eu não virei a menininha que você sempre sonhou. Fala!

MULHER

Fala que o problema é o meu cabelo.

ELIAS

A minha roupa.

MULHER

O meu jeito de andar!

JAIR

Cala a boca! Sai daqui!

Elias vai em direção ao quarto.

JAIR

Não! Para o quarto, não! Você vai embora! Pra rua!

Elias detém-se, assustado.

JAIR

E quando o mundo terminar de te mastigar e te cuspir de volta...

MULHER

Ou deveria ser... "Eu estarei aqui, minha filha. Eu vou te esperar com um quarto lindo, com um guarda-roupas cheio de vestidos floridos e uma caixa de música de bailarina".

Melodia da caixa de música distorcida.

ELIAS

Eu vou mesmo!



Enquanto memórias morrem

MULHER

Eu vou mesmo...

Mulher pega a mochila e some.

Jair e Elias parados frente a frente. Jair urinou nas calças.

ELIAS

Ah, pai!

Jair encolhe-se, envergonhado.

ELIAS

Não. Está tudo bem. Desculpa. Está tudo bem, pai. A gente troca a roupa. É bom.

Elias começa a trocar a roupa de Jair, de maneira lenta. Há certa humilhação para Jair. Tudo ocorre como se fosse um ritual.

Ao longo da troca de roupa, Jair começa a rezar, como se estivesse sozinho.

JAIR

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa. Salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa...

Jair não consegue se lembrar da continuação e começa a se inquietar.

Sofre com isso.

JAIR

Eia, pois, advogada nossa... Advogada nossa...

Elias fica com pena de Jair. Mulher surge.

Os dois passam a ajudar Jair, que repete o que eles falam.

MULHER

Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei...

JAIR

Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei...

ELIAS

E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus...

JAIR

E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus...

MULHER

Bendito fruto do vosso ventre...

JAIR

Bendito fruto do vosso ventre...

ELIAS

Ó clemente...

JAIR

Ó clemente...

MULHER

Ó piedosa...



Enquanto memórias morrem

JAIR

Ó piedosa...

ELIAS

Ó doce e sempre, Virgem Maria.

JAIR

Ó doce e sempre, Virgem Maria.

ELIAS

Rogai por nós Santa mãe de Deus...

Daqui em diante, Elias e Mulher esperam que Jair repita, mas este não mais repete, seguindo em silêncio.

MULHER

Rogai por nós Santa mãe de Deus...

ELIAS

Rogai por nós Santa mãe de Deus, para que sejamos dignos da promessa de Cristo.

MULHER

Amém.

Elias terminou de trocar a roupa de Jair.

Ele começa a levar Jair para a sua cama.

Neste trajeto, há uma gradação de tempo, meses se passam. A passagem de tempo é visível a partir da evolução da doença no corpo de Jair.

No final do trajeto, Jair não consegue mais andar e Elias pega-o no colo para colocá-lo na cama. Elias coloca Jair deitado de lado.

Mulher some.

Em seguida, Elias deita na frente de Jair, em posição fetal.

Depois de uns instantes, aparece a mão de Jair, vinda de trás de Elias.

Jair acaricia a cabeça de Elias.

FIM